

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ (CCIM)
CURSO DE JORNALISMO

DÉBORA DE ARAÚJO MAIA

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA LEIA A VIDA:
ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES
E A URGÊNCIA DO DIREITO À PALAVRA**

**IMPERATRIZ
2025**

DÉBORA DE ARAÚJO MAIA

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA LEIA A VIDA:
ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES
E A URGÊNCIA DO DIREITO À PALAVRA**

Relatório técnico de trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito para obtenção do título
de Bacharel em em Jornalismo, pela Universidade
Federal do Maranhão (UFMA), Campus
Imperatriz-MA.

Orientadora: Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Araújo Maia, Débora.

REPORTAGEM MULTIMÍDIA LEIA A VIDA: : aLFABETIZAÇÃO DE
MULHERES E A URGÊNCIA DO DIREITO À PALAVRA / Débora de
Araújo Maia. - 2025.

31 p.

Orientador(a): Yara Medeiros dos Santos.

Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão,
Imperatriz - Ma, 2025.

1. Jornalismo Humanizado. 2. Mulheres. 3. Educação
de Jovens e Adultos (eja). I. Medeiros dos Santos, Yara.
II. Título.

REPORTAGEM MULTIMÍDIA LEIA A VIDA: ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES E A URGÊNCIA DO DIREITO À PALAVRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz-MA, como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal do Maranhão, Campus Imperatriz-MA.

Orientador/a: Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos

Aprovado em: 01/08/2025

Banca Examinadora

Profa. Dra. Yara Medeiros dos Santos (UFMA)
Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Leila Lima de Sousa (UFMA)
Examinadora 1

Profa. Dra. Nayane Rodrigues de Brito (UFMA)
Examinadora 2

IMPERATRIZ
2025

*É o saber da história como possibilidade
e não como determinação. O mundo não é.
O mundo está sendo.*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui só foi possível com a ajuda de muitas mãos que não me soltaram durante a caminhada. Agradeço a Deus, por sua misericórdia e por nunca me desamparar.

À minha avó, Dona Benta, que sempre me possibilitou viver os mais lindos sonhos, mas que, a partir do 4º período da graduação, passou a me abençoar do céu.

À minha mãe, Hely, que, apesar das nossas diferenças, foi fortaleza quando tudo parecia desabar e trabalhou incansavelmente para garantir que esta etapa tão importante fosse concretizada.

Agradeço imensamente aos laços construídos durante a trajetória. Maria Gabriela, que chegou de um jeito manso e ocupou espaço em meu coração. Ela, que com palavras firmes e piadas duvidosas, se tornou companheira nos dias bons e também nos mais difíceis. À Saiúry Lima, que, quando descobrimos que nossos neurônios são parecidos, não desgrudamos mais. Ela é alegria, bom humor e me ensina diariamente sobre persistência. Obrigada por me salvar, quando eu nem sabia que precisava.

À Kelly Saraiva, Leonardo Varão e Elis, que a vida me presenteou e que sempre estiveram presentes durante toda a graduação. Ao Daniel Sena, por ser um dos maiores incentivadores para que eu iniciasse uma nova graduação e por acreditar no potencial do Jornalismo em minha vida.

Às minhas amigas da Assessoria de Comunicação da UEMASUL, com as quais tive o prazer de aprender, na prática, sobre notícia, fotografia, assessoria de comunicação, produção e edição de conteúdo e, sobretudo, sobre amizade. Obrigada, Mari Marconcini, Thyanne Pontes, Giuliana Piancó, Lorena Guimarães, Carla Guerrero, Flávia Regina e Nylla Maria.

À minha orientadora e amiga, Yara Medeiros, que é minha maior fonte de inspiração como profissional e como ser humano. Seu olhar atento ao mundo, sua dedicação, compromisso e criatividade me fazem brilhar os olhos e me transformam a cada encontro. Por isso, muito obrigada.

Agradeço profundamente às mulheres que generosamente compartilharam suas histórias nesta reportagem. Neuza, Josélia, Ildecy e Lucileide abriram suas memórias, dores e esperanças com coragem e afeto. Suas vozes são o coração deste trabalho e me ensinaram muito. Obrigada por confiarem em mim e por permitirem que suas trajetórias inspirassem tantas outras.

À Universidade Federal do Maranhão, que me acolheu e permitiu viver tantas

possibilidades. Foi nela que me descobri como profissional e pude evoluir pessoalmente. Agradeço aos professores e professoras pela dedicação e por me ensinarem tanto. À todos e todas, de modo geral, gratidão.

Por fim, agradeço à comunicação popular, que tem me permitido conhecer e transformar realidades por meio dos conhecimentos adquiridos durante a graduação em Jornalismo. Atentar-se ao outro como sujeito de sua própria história é a missão que levo para a vida.

“Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena” (Fernando Pessoa).

RESUMO

A reportagem especial *Leia a vida*¹ tem como objetivo investigar o analfabetismo entre mulheres no município de Imperatriz, no Maranhão. A partir de uma abordagem humanizada, a produção busca compreender como a ausência da leitura e da escrita impacta a vida dessas mulheres, suas trajetórias e o acesso à cidadania. O trabalho utiliza técnicas do jornalismo e reúne entrevistas com personagens centrais, alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), mulheres analfabetas, além de fontes oficiais. A reportagem apresenta dados, infográficos, fotografias e conteúdos multimídia, interligando temas como exclusão educacional e social. A metodologia tem caráter qualitativo e se fundamenta em referências teóricas do jornalismo humanizado e narrativo, da produção de longforms e da educação libertadora. Ao dar visibilidade a vozes silenciadas, o trabalho contribui para ampliar o debate público sobre o analfabetismo e reforça a importância de políticas educativas inclusivas.

Palavras-chave: Jornalismo humanizado, reportagem, mulheres, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Imperatriz-MA.

¹ Acesse a reportagem: <https://leiaavida.wixsite.com/ufma>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Infografia dos índices de analfabetismo	23
Figura 2 - Infografia dos dados regionais do analfabetismo	24
Figura 3 - Layout da chamada para os perfis	24
Figura 4 - Play da narração dos perfis	25
Figura 5 - Mapa interativo com os endereços das escolas municipais que ofertam a modalidade EJA	26
Figura 6 - Tipografia da capa	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. METODOLOGIA	13
2.1 Pesquisa	13
2.2 Escolha das personagens	14
2.3 Entrevistas	15
2.4 Bastidores	16
2.5 Cronograma	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1 Humanização na pauta	18
3.2 Formato longform no jornalismo digital	19
3.3 Analfabetismo como problema social	21
4. ESTRUTURA DO PRODUTO	23
4.1 Montagem e escolha das cores	26
4.2 Orçamento	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a alfabetização continua sendo um desafio social, histórico e estrutural. Embora o direito à educação esteja garantido pela Constituição Federal de 1988, milhões de brasileiros enfrentam barreiras para acessar e permanecer na escola. Ainda hoje, mais de 9 milhões de pessoas com 15 anos ou mais não sabem ler nem escrever, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2024, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A desigualdade educacional é atravessada por fatores de raça, classe, gênero e território, sendo especialmente alarmante nas regiões Nordeste e Norte.

Nesse contexto, o estado do Maranhão se posiciona entre as maiores taxas de analfabetismo no país, com 11,4%, atingindo 9,8% de mulheres. Os dados refletem um histórico de abandono educacional em áreas periféricas, rurais e de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Em Imperatriz, segunda maior cidade do estado, essa realidade ainda se impõe há muitos moradores, sobretudo mulheres adultas que carregam, além das responsabilidades familiares e domésticas, a marca da exclusão educacional ao longo de suas vidas. Dados divulgados pelo Censo Demográfico de 2022 apontam que 27.192 mulheres não têm instrução ou não completaram sequer o ensino fundamental. Essa situação exige além de diagnósticos estatísticos, demanda escuta, visibilidade e empatia.

O presente relatório técnico descreve o processo de produção da reportagem especial *Leia a Vida*, realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo. O projeto tem como objetivo principal apresentar, por meio da escuta humanizada e do jornalismo narrativo, a realidade de mulheres que vivem ou viveram o analfabetismo em Imperatriz. A escolha pela abordagem sensível e aprofundada parte do entendimento de que o jornalismo tem o papel de dar visibilidade a temas negligenciados, ao mesmo tempo em que constrói pontes entre os sujeitos e seus direitos sociais.

O ponto de partida desta reportagem foi uma inquietação pessoal. No início do 7º período, assisti a uma matéria exibida no programa *Fantástico*, da Rede Globo, que retratava o cotidiano de brasileiros não alfabetizados em grandes centros urbanos. As cenas me provocaram. Era impossível ignorar a forma como o analfabetismo atravessava a vida daquelas pessoas, limitando sonhos, direitos e até mesmo a autonomia mais básica. Naquele momento, percebi que a pauta não estava apenas na TV: ela estava também em Imperatriz, minha cidade. E, talvez, mais perto do que eu imaginava.

Inspirada pelos fundamentos do jornalismo humanizado (IJUIM, 2012), que vai além da simples transmissão de informações, mas que coloca o ser humano no centro da narrativa, tanto como ponto de partida quanto de chegada, e pela abordagem freireana da educação (FREIRE, 1987), a produção buscou articular as dimensões afetiva, social e política do fenômeno, valorizando o saber popular e o protagonismo das mulheres entrevistadas. Em vez de tratar o analfabetismo como um problema individual ou técnico, o projeto compreende esse processo como parte de uma estrutura de negação de direitos, que se repete historicamente com as mulheres pobres, negras e moradoras das periferias. O objetivo foi compreender como essa realidade afeta, de maneira particular, a vida de mulheres em situação de vulnerabilidade, tendo como espaço de investigação a cidade de Imperatriz.

Além de reportar os casos particulares, a reportagem investiga a realidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município, por meio de entrevistas com alunas, professora e a coordenadora municipal da modalidade. O conteúdo se aprofunda em questões estruturais da educação brasileira e no impacto do analfabetismo na vida cotidiana: desde o medo de andar sozinha na rua até a insegurança ao receber um troco ou ao assinar um documento. São situações aparentemente simples, mas que colocam essas mulheres em estado de vulnerabilidade.

A escolha pelo formato *longform* digital foi motivada pelo potencial dessa linguagem em integrar texto, áudio, imagem e infográficos de forma fluida, atrativa e acessível, e permite ao jornalista tratar temas complexos com profundidade, ao mesmo tempo em que cria uma experiência narrativa mais envolvente para o leitor. O projeto inclui, ainda, elementos de acessibilidade, como trechos narrados das entrevistas e leitura facilitada dos textos, visando alcançar também pessoas em processo de alfabetização.

O trabalho teve como fio condutor a escuta ativa de quatro personagens principais: mulheres que retomaram os estudos na EJA e mulheres não alfabetizadas. Os relatos revelam uma dimensão humana do analfabetismo que vai além dos números: falam de maternidade, trabalho doméstico, violência de gênero, envelhecimento e esperança. Como disse uma das entrevistadas: “Eu não sei ler, mas eu sei viver.” A partir dessa afirmação, o projeto se construiu como uma busca por compreensão, escuta e reconhecimento.

Outro ponto relevante é o uso de elementos visuais como recurso de mediação da informação: infográficos, cards explicativos, frases de impacto e fotografias contribuem para tornar a navegação mais dinâmica e acessível. Também foi elaborado um serviço com endereços, contatos e escolas que ofertam EJA em Imperatriz, com o objetivo de mobilizar potenciais estudantes e ampliar o alcance social do projeto. Como elemento de

acessibilidade, os textos serão narrados para que alcance as pessoas não alfabetizadas que tenham acesso à produção.

A construção do conteúdo foi orientada por valores jornalísticos fundamentais, como a responsabilidade social da pauta, a ética na relação com as fontes, o compromisso com a informação de qualidade e o uso de uma linguagem que respeite os sujeitos retratados.

Este relatório técnico, portanto, apresenta a fundamentação teórica, as decisões metodológicas, os bastidores e os aprendizados envolvidos na construção de *Leia a Vida*, um produto jornalístico que pretende ser, ao mesmo tempo, uma denúncia silenciosa das desigualdades e uma homenagem à coragem de quem decide aprender, ainda que tarde, ainda que com medo, ainda que aos poucos.

2. METODOLOGIA

2.1 Pesquisa

A construção deste trabalho partiu do reconhecimento do analfabetismo como uma questão social e estrutural no Brasil. Para abordar esse contexto, a pesquisa assumiu caráter exploratório e qualitativo, com base em fontes primárias (entrevistas) e secundárias (documentos, dados oficiais, literatura científica e jornalística).

Para elaborar uma narrativa jornalística aprofundada, é indispensável realizar uma pesquisa ampla sobre o tema central de investigação, antes mesmo da definição das fontes entrevistadas. No processo de construção da reportagem *Leia a vida*, recorri ao método da pesquisa documental como etapa inicial da apuração. A partir da leitura de reportagens, produções acadêmicas e materiais informativos disponíveis em portais oficiais e veículos de comunicação, foi possível reunir dados sobre os índices de analfabetismo no Brasil e no Maranhão, além de compreender melhor os programas públicos voltados à alfabetização de jovens e adultos. Essa etapa foi fundamental para identificar lacunas e direcionar o foco da investigação para a realidade local. Também serviu como base para a elaboração das perguntas de entrevista e para o desenvolvimento de uma abordagem sensível e responsável diante das histórias que seriam contadas.

Segundo Moreira (2005), a análise documental é uma ferramenta de estudo que envolve a identificação, verificação e apreciação de documentos com um propósito específico, visando extrair informações que possibilitem chegar a conclusões sobre o objeto pesquisado. Para a autora, este não se limita a um simples exame dos documentos, mas compreende um processo crítico que considera a autenticidade, a confiabilidade, o contexto e a natureza dos

textos e afirma:

A análise documental, muito mais do que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações e momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (Moreira, 2005, p. 276).

Dessa forma, a pesquisa documental cumpriu um papel essencial no levantamento de dados e na fundamentação teórica da pauta e auxiliou também na construção de uma escuta mais qualificada e empática durante as entrevistas. Ao contextualizar o analfabetismo como um fenômeno que ultrapassa estatísticas, tornando-se uma experiência de exclusão social, a pesquisa ajudou a sustentar uma abordagem jornalística que respeita a complexidade das trajetórias femininas abordadas na reportagem. Esse processo permitiu enxergar os sentidos políticos, históricos e afetivos que permeiam a realidade das mulheres não alfabetizadas em Imperatriz.

2.2 Escolha das personagens

A escolha das personagens foi orientada pelo compromisso com a pauta e pela necessidade de representar, com sensibilidade e pluralidade, as mulheres que vivem os impactos do analfabetismo na vida adulta. Para além dos relatos pessoais, foi fundamental escutar também as profissionais que atuam diretamente com a alfabetização de jovens, adultos e idosos em Imperatriz. Assim, a reportagem reúne tanto as vivências de alunas e mulheres analfabetas quanto as perspectivas de quem trabalha diariamente para transformar essa realidade. A diversidade das histórias apresentadas contribui para uma compreensão mais ampla do problema social que envolve o analfabetismo feminino.

A primeira personagem escolhida foi Neuza Paiva, amiga da minha família há muitos anos. Sempre me chamou atenção a forma como ela enfrenta a vida sem saber ler e escrever, o que fez com que fosse incluída na pauta desde o início da produção.

Josélia Carvalho foi indicada por uma amiga que conhecia parte de sua história. Após o primeiro contato, percebi que sua trajetória dialogava com os objetivos da reportagem e representava com força o recorte da pesquisa.

As personagens Ildecy Ferreira e Lucileide Oliveira foram selecionadas durante uma visita à Escola Municipal Presidente Costa e Silva. Com apoio da diretora, tive acesso às duas alunas da EJA, que aceitaram compartilhar suas experiências e enriqueceram a narrativa com suas histórias.

Além das alunas e mulheres que enfrentam a exclusão educacional, a reportagem conta com a participação da professora Cleane Sousa, responsável por uma turma da EJA, e da coordenadora municipal da modalidade, Josélia Mota. Ambas oferecem um olhar sensível e técnico sobre os desafios enfrentados no cotidiano escolar, evidenciando as dificuldades institucionais e as barreiras sociais que impactam a permanência e o aprendizado das alunas. A presença dessas profissionais reforça a importância de políticas públicas e do acolhimento no ambiente educacional.

2.3 Entrevistas

As entrevistas foram o principal método de apuração utilizado nesta reportagem especial. Fundamentadas nas técnicas jornalísticas e inspiradas em princípios da pesquisa qualitativa, elas possibilitaram o aprofundamento do tema por meio da escuta sensível de mulheres analfabetas, alunas da EJA, educadoras e gestoras públicas. O contato direto com essas fontes foi essencial para compreender, com mais profundidade, as experiências, os sentimentos e os desafios que atravessam a realidade da alfabetização na vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Guiada pelas contribuições de Caputo (2006), compreendi que a entrevista é um momento de troca, em que o repórter aprende com o saber do outro. Cada fala revelou muito mais do que dados: trouxe percepções de mundo, trajetórias de vida, memórias afetivas e desejos que dificilmente seriam captados apenas com a observação ou leitura de documentos. A autora aponta que o jornalista “elabora uma entrevista com base em suas vivências”, e foi justamente esse movimento que norteou a escolha dos roteiros e a condução dos diálogos.

A entrevista é uma aproximação que o jornalista, o pesquisador (ou outro profissional) faz, em uma dada realidade, a partir de um determinado assunto e também a partir de seu próprio olhar, utilizando como instrumento perguntas dirigidas a um ou mais indivíduos (CAPUTO, 2006, p. 21).

Para Lage (2003), a entrevista é parte essencial da reportagem jornalística, sendo um instrumento para a construção da notícia e do conhecimento jornalístico, que envolve interpretações e análises pessoais do repórter diante dos fatos. Ele ressalta que a informação jornalística é sempre um reprocessamento da realidade, pois cada pessoa constrói uma informação diferente a partir do mesmo fato, o que abre múltiplas possibilidades para tratar o fato com honestidade.

O método da entrevista como técnica da pesquisa qualitativa foi o mais adequado para esse tipo de abordagem, pois permitiu que, a partir de perguntas pré-definidas, novas questões

surgissem conforme o relato das entrevistadas se desenvolvia. Isso garantiu maior flexibilidade e profundidade às conversas, tornando possível captar não apenas informações factuais, mas também sentimentos e subjetividades, aspectos centrais da proposta de humanização da reportagem.

Segundo Triviños (1987), a entrevista semiaberta é uma técnica de coleta de dados que combina a estruturação de um roteiro com perguntas previamente definidas, mas que permite flexibilidade para que o entrevistado possa desenvolver suas respostas de forma mais livre e espontânea. Essa modalidade favorece a obtenção de informações mais aprofundadas e ricas em detalhes, possibilitando ao pesquisador captar significados, percepções e experiências dos sujeitos pesquisados.

Com as mulheres analfabetas e as alunas da EJA, buscou-se compreender os principais desafios enfrentados no acesso e permanência nos estudos. Já com a professora Cleane e a coordenação da EJA, foi possível conhecer a estrutura da modalidade no município, as estratégias pedagógicas adotadas e as dificuldades do dia a dia em sala de aula.

Com perguntas diretas e adaptadas à linguagem de cada grupo, as entrevistas semi-estruturadas funcionaram como apoio fundamental para aprofundar o olhar sobre o analfabetismo entre mulheres e entender como a EJA tem atuado na superação dessa exclusão histórica.

As entrevistas ocorreram de maneira presencial, em ambientes acolhedores e próximos das entrevistadas. Com isso, garantiu-se que o momento da escuta ocorresse com segurança, tranquilidade e liberdade para que compartilhassem suas histórias de forma espontânea. Em alguns momentos, o silêncio, a emoção ou a risada fizeram parte da narrativa, e foram respeitados como parte da construção jornalística do texto.

É importante destacar ainda o papel das fontes complementares, professoras, coordenadoras e representantes de programas de alfabetização, que contribuíram com visões institucionais e operacionais sobre a EJA e as políticas públicas em vigor. As falas serviram para contextualizar as ações existentes e evidenciar os desafios de implementação, revelando o outro lado da narrativa. Portanto, ao longo deste processo, a escuta foi um exercício de respeito, sensibilidade e compromisso ético com as histórias que, por tanto tempo, permaneceram invisíveis.

2.4 Bastidores

O processo de produção desta reportagem começou em janeiro, com a entrevista de Neuza Paiva. Conheço a Neuza desde quando era criança, ela é amiga da minha família há

muitos anos, e sempre me chamou atenção a forma como ela se relaciona com o mundo, mesmo sem saber ler e escrever. A conversa começou como uma entrevista, mas logo se transformou em um relato espontâneo e profundo. Em muitos momentos, ela se emocionou ao relembrar episódios marcantes da sua vida. Confesso que foi difícil conter as lágrimas diante de tudo.

A segunda entrevista foi com Josélia Miranda, uma personagem que conheci por indicação de uma amiga, Ana Paula. Assim que soube da história dela, entrei em contato e marquei uma visita à sua casa, no bairro Boca da Mata. Fui recebida com um sorriso generoso, café, caldo quente e uma “espada de São Jorge” na sala, que me fez sentir cuidada. A conversa foi fluida, e Josélia me mostrou, com simplicidade, como é possível resistir todos os dias mesmo sem o direito básico à alfabetização. Saí de lá impactada com mais uma história de vida forte e marcada pela exclusão.

Pouco tempo depois, precisei me mudar de cidade para assumir um novo trabalho, o que tornou os deslocamentos mais difíceis. Ainda assim, seguir em frente com o projeto era uma prioridade. Entrei em contato com a coordenadora da EJA no município, Josélia Mota, que me recebeu com atenção e compartilhou informações valiosas sobre a rede municipal. Foi a partir dela que cheguei até a Escola Municipal Presidente Costa e Silva, no bairro Nova Imperatriz. Agendei uma visita e fui muito bem acolhida pela diretora, que me apresentou a estrutura da EJA da escola e indicou uma turma para que eu acompanhasse.

Optei por primeiro, apenas observar. Entrei na sala e me sentei ao fundo. Eram nove alunos, sendo seis mulheres e três homens. Eles estavam preparando uma apresentação sobre meio ambiente. Aos poucos, fui me aproximando da turma. Lucileide e Ildecy logo se destacaram, simpáticas, espontâneas e sem receio da minha presença. Ao final da aula, as convidei para conversar individualmente. Elas aceitaram, e assim consegui mais dois relatos para compor a reportagem.

Cada etapa deste processo exigiu sensibilidade, escuta atenta e muito respeito. Para além das entrevistas, vivi experiências que me atravessaram pessoalmente. Construir essa narrativa foi também um exercício de empatia e cuidado com cada palavra. O mais importante, para mim, foi criar um ambiente seguro no qual essas mulheres pudessem compartilhar suas histórias com liberdade e dignidade.

Além da apuração em campo, a reportagem foi pensada para ser publicada em formato *longform*, explorando os recursos da narrativa digital. A escolha por esse modelo se deu pela possibilidade de integrar diferentes linguagens, entre elas texto, áudio, fotografia, dados e elementos interativos, em uma mesma plataforma. O objetivo foi ampliar a experiência do

leitor e valorizar cada história. A produção exigiu atenção à construção estética e editorial do site, garantindo que o conteúdo fluísse de maneira coerente e envolvente, sem abrir mão da profundidade jornalística.

2.5 Cronograma

A produção da reportagem especial *Leia a vida* foi organizada em três etapas principais: pré-produção, produção e pós-produção, desenvolvidas entre os meses de janeiro e julho de 2025. Cada fase foi fundamental para garantir a qualidade do material, desde a concepção da pauta até a finalização do produto multimídia.

Durante o mês de janeiro, as atividades estiveram concentradas na pré-produção. Nesse momento inicial, foram realizadas leituras teóricas, levantamento de dados sobre o analfabetismo no Brasil e no Maranhão, além da definição do tema, delimitação do público e escolha da abordagem metodológica. Também foi realizada a seleção das primeiras fontes e a elaboração dos roteiros de entrevista e questionários.

Nos meses de fevereiro, março e abril, ocorreram as atividades de produção. Foram realizadas entrevistas com algumas das personagens principais, captação de imagens e áudios. Essa etapa demandou dedicação intensa à apuração das histórias e à escuta sensível das entrevistadas, além da sistematização dos dados coletados.

Por fim, entre maio e julho, concentrou-se a etapa de pós-produção. O foco esteve na edição dos textos, organização do conteúdo no formato digital, desenvolvimento do site e inserção de recursos multimídia, como infográficos, fotos e trechos de áudio. Também nesse período foram redigidas as partes técnicas do relatório final, incluindo a fundamentação teórica, metodologia e considerações finais, culminando com a entrega e apresentação do trabalho.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Humanização na pauta

A escolha por uma abordagem humanizada foi o ponto de partida para a construção da reportagem *Leia a vida*. Ao tratar do analfabetismo foi fundamental escutar, com empatia, as vozes de quem vive essa realidade todos os dias. Como destaca Marcondes Filho (2002), o jornalismo precisa estar atento às pessoas, às suas histórias e às dimensões humanas que por vezes são silenciadas nas narrativas tradicionais da imprensa.

Segundo Alves e Sebrían (2019), o fazer jornalístico, entendido como um processo de

significação e ressignificação, exige do profissional mais do que a simples transmissão de fatos. É necessário observar, refletir e interpretar os fenômenos sociais, buscando compreender a essência das ações humanas que os compõem. Nessa perspectiva, o jornalismo humanizado não se limita a produzir textos com linguagem mais sensível ou literária, tampouco apenas valorizar personagens. Ele representa uma forma específica de olhar para o mundo, um ponto de partida diferenciado que visa compartilhar sentidos e não apenas informações

Nessa perspectiva, a humanização na reportagem se manifesta tanto na escuta sensível durante as entrevistas quanto na forma de narrar as trajetórias, respeitando o tempo, os sentimentos e a singularidade de cada personagem. Para Eliane Brum (2006), é necessário “escutar com o corpo inteiro” para que a história contada seja além do que um recorte da realidade: mas também um espaço de encontro entre quem narra e quem vive a experiência.

Para Ijuim (2012), a humanização começa antes da pauta, na consciência ética e sensível do jornalista, valorizando o ser humano como ponto de partida e chegada da narrativa e pondo em evidência a importância da empatia, da escuta ativa e da busca pela compreensão das complexidades humanas, evitando caricaturas e estereótipos. "Humanização, assim, não se dá apenas pelas luzes da razão e do conhecimento, nem tampouco pelo domínio da natureza, mas pelos relacionamentos entre seres, desses com a natureza e 'consigo próprios'" (Ijuim, 2002, p. 6)

A partir dessa perspectiva, busquei valorizar os aspectos emocionais, afetivos e simbólicos presentes nas histórias de vida das entrevistadas. A proposta foi mostrar o que significa, na prática, não saber ler nem escrever, e como essa condição impacta a autonomia, a autoestima e o acesso aos direitos básicos. Atentar-se ao outro foi um elemento fundamental no processo de produção. Como sugere Medina (2016), colocar-se no lugar do outro é essencial, bem como uma escuta ativa da experiência coletiva.

Dessa forma, a humanização nesta produção foi um compromisso com a dignidade das personagens retratadas. Olhar para além dos dados foram elementos que guiaram a construção da reportagem. Ao valorizar o que é dito, mas também os silêncios, os gestos e os contextos, reafirma-se o papel do jornalismo como ferramenta de visibilidade e reconhecimento das trajetórias humanas mais invisibilizadas.

3.2 Formato longform no jornalismo digital

Desde o início de minha graduação, a reportagem multimídia me chamou atenção, revelando-se um formato jornalístico de grande potencial. O contato inicial, em 2021, durante

o Simpósio de Comunicação da Região Tocantina (SIMCOM), em uma oficina ministrada pela minha orientadora, Yara Medeiros, evidenciou a capacidade de combinar textos, fotos, infográficos, áudios e elementos de navegação em uma única narrativa. Essa integração se mostrou um diferencial poderoso, capaz de oferecer uma experiência sensível, imersiva e informativa, exatamente o que eu buscava no projeto *Leia a Vida*.

A produção jornalística tem se transformado significativamente com o advento da web, impulsionando o desenvolvimento do formato longform. A grande reportagem pode ser entendida como um formato jornalístico caracterizado pelo aprofundamento temático, apuração rigorosa e narrativa envolvente, que integra diferentes linguagens, como texto, imagem, áudio e infografia, para oferecer uma compreensão ampla e contextualizada dos fatos. No contexto digital, destaca-se pelo uso criativo de recursos multimídia e técnicas narrativas inovadoras, proporcionando ao leitor uma experiência imersiva, reflexiva e pautada pela busca de sentido e humanização das histórias. Enquanto anteriormente predominavam notícias mais curtas no ambiente digital, observa-se atualmente uma presença marcante da grande reportagem multimídia, um fenômeno que também é influenciado pelas práticas consolidadas do jornalismo impresso (Longhi, 2014).

Nesse contexto de inovação, a narrativa hipermídia longform representa, conforme destaca Baccin (2017), uma reinvenção das práticas jornalísticas no ambiente digital. A autora aponta que essa modalidade oferece ao leitor uma experiência de leitura mais rica, detalhada e envolvente, potencializando a contextualização e o aprofundamento das reportagens. Isso se traduz no uso de elementos como hipertextualidade, multimidialidade, interatividade e base de dados, integrando texto, imagens, vídeos, gráficos e áudios para construir uma experiência imersiva e contextualizada. No projeto *Leia a Vida*, a escolha pelo formato longform foi estratégica e consciente. Ao abordar uma temática delicada e socialmente urgente, como o analfabetismo entre mulheres, o longform permitiu estabelecer um ritmo de leitura mais atento e aprofundado. A integração de recursos como fotos, áudios com narração dos textos, frases de impacto destacadas e infográficos com dados sobre o analfabetismo, foi fundamental para fortalecer a narrativa, facilitar a compreensão e gerar empatia. Essa abordagem multimídia além de informar, também convida o leitor a uma imersão sensorial e emocional na realidade apresentada.

A produção de grandes reportagens, ligadas ao formato longform, exige tempo, dedicação e um processo de apuração mais aprofundado e rigoroso. Conforme Medeiros (2020), esse tipo de trabalho pode demandar de três meses e até um ano para ser concluído, evidenciando o esforço coletivo envolvido. Trata-se de processo que mobiliza equipes

multidisciplinares, incluindo jornalistas, produtores, designers e outros profissionais, permitindo a exploração criativa da narrativa por meio das múltiplas possibilidades que os recursos multimídia e o formato longform oferecem.

As grandes reportagens têm sido publicadas como narrativas multimídia, apresentando registros em vídeo e áudio, infográficos animados e conteúdos que vão além do que é publicado no registro impresso. No circuito independente, como movimentos sociais e coletivos de jornalismo, a grande reportagem também é uma ferramenta de trabalho para chamar a atenção da sociedade para temas esquecidos do noticiário tradicional (Medeiros, 2020, p. 43).

Diante desse cenário, fica evidente que a reportagem multimídia, especialmente em formato longform, não só acompanha as inovações tecnológicas e narrativas do jornalismo contemporâneo, como também amplia as possibilidades de diálogo, sensibilização e mobilização social. Vivenciar, produzir e analisar projetos como o *Leia a Vida* reafirma que o jornalismo, ao integrar diferentes linguagens e valorizar a profundidade das histórias, é capaz de aproximar o público de realidades pouco visibilizadas, promovendo reflexão crítica e empatia.

3.3 Analfabetismo como problema social

Tratar do analfabetismo como um problema social significa compreender que a dificuldade de leitura e escrita não é resultado apenas de falhas individuais ou da falta de interesse pelas pessoas atingidas, mas sim de um contexto histórico, político e estrutural que perpetua desigualdades. Esta reportagem nasce justamente da necessidade de dar visibilidade a mulheres que, embora privadas do acesso à educação formal, seguem construindo suas vidas.

No país, o processo histórico de expansão da escolarização foi tardio e excludente, priorizando as elites e relegando a alfabetização de jovens e adultos a planos secundários. Como destaca Brandão (2004), a exclusão educacional, particularmente o analfabetismo, não se resume à ignorância do alfabeto, mas à interrupção de uma trajetória de vida e de cidadania. A ausência da leitura e da escrita compromete a compreensão crítica do mundo, o acesso a políticas públicas e a participação ativa na sociedade.

Os dados mais recentes do IBGE evidenciam que o analfabetismo permanece como um desafio significativo no país, concentrando-se, principalmente, nas regiões Norte e Nordeste e entre populações historicamente vulnerabilizadas. A produção e a reprodução dessa desigualdade estão fortemente associadas à trajetória excludente do sistema educacional brasileiro, que, ao longo de sua história, privilegiou determinados grupos sociais e relegou

outros a planos secundários (Brandão, 2004).

Para Paulo Freire (1989), patrono da educação brasileira, alfabetizar significa possibilitar que pessoas leiam e escrevam o mundo, e não apenas decifrem códigos escritos. Em sua visão, a aprendizagem da leitura e da escrita precisa importar-se com a realidade concreta dos sujeitos, considerando seu contexto social, político e cultural. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra” (Freire, 1989, p. 11). O autor afirma ainda que, a alfabetização só se realiza plenamente quando promove uma transformação crítica da realidade, incentivando a autonomia, a consciência social e a participação cidadã, especialmente para os grupos historicamente excluídos, entre eles, mulheres, negros, negras e desfavorecidos economicamente.

A compreensão do analfabetismo como fenômeno social demanda uma análise que vá além da mera ausência de habilidades técnicas de leitura e escrita, reconhecendo-o como resultado histórico de processos de exclusão e desigualdade que afetam, de maneira ainda mais intensa, mulheres em situação de vulnerabilidade. Como destaca Ferraro (2011), o analfabetismo é expressão de uma escolarização marcada por prioridades políticas restritivas e escolhas excludentes, as quais relegaram camadas populares, especialmente de regiões periféricas, ao afastamento do direito pleno à educação e à cidadania. Dessa forma, discutir o analfabetismo exige reconhecer sua dimensão coletiva, vinculada às condições estruturais do país e à persistência de obstáculos sociais e culturais que impedem o acesso equitativo à escolarização e à participação ativa na sociedade.

O analfabetismo entre mulheres é fruto de diversos fatores históricos, sociais e culturais que cruzam dimensões de gênero, raça e classe. Embora os dados apontem para uma diminuição geral nos índices de analfabetismo, o problema persiste principalmente entre mulheres negras, pobres e residentes em regiões vulnerabilizadas, como Norte e Nordeste do Brasil. Isso se intensifica em razão de responsabilidades precoces com o trabalho reprodutivo, maternidade precoce e violência doméstica, que frequentemente afastam meninas e mulheres da escola e, assim, do acesso pleno à alfabetização.

Bell Hooks (2018) aponta que, para compreender a exclusão escolar e social, é essencial reconhecer o modo como o racismo, o sexismo e a pobreza se cruzam na vida das mulheres, tornando-as duplamente vulneráveis à exclusão educacional. A autora enfatiza que as políticas públicas e as práticas sociais devem reconhecer como o racismo e o sexismo se cruzam na vida das mulheres, tornando-as duplamente vulneráveis à exclusão escolar e ao analfabetismo.

Somente ao considerar essas múltiplas dimensões de opressão é possível desenvolver

políticas educacionais verdadeiramente inclusivas e eficazes, que promovam a equidade de gênero e a justiça social. Superar o analfabetismo entre mulheres exige, portanto, o compromisso coletivo de enfrentar historicamente as desigualdades que estruturam nossa sociedade, garantindo a todas as mulheres o direito à palavra, ao conhecimento e à plena cidadania.

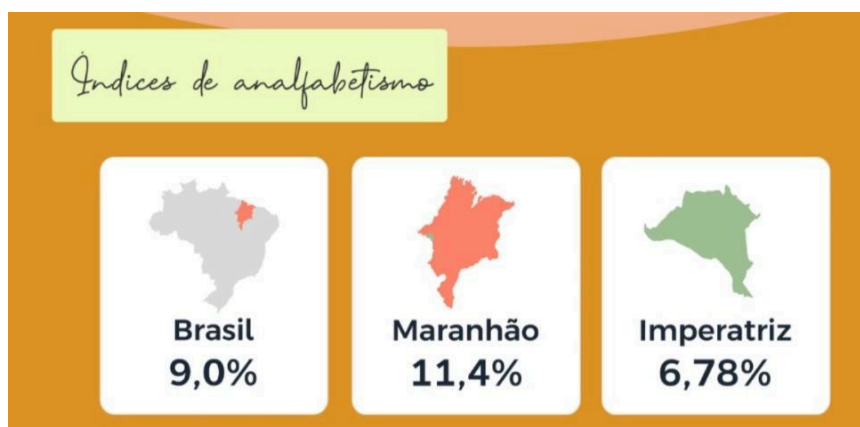
4. ESTRUTURA DO PRODUTO

A reportagem *Leia a vida* aborda o analfabetismo como um problema social que atinge, em grande parte, mulheres em situação de vulnerabilidade. A narrativa parte de histórias reais, vividas por quatro personagens que tiveram sua escolarização negada em diferentes fases da vida. Ao longo do material, somando as falas das entrevistadas, também foram ouvidas professoras e gestoras da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Imperatriz (MA), além da pesquisa documental que ampara a discussão de forma mais ampla. A proposta é revelar, por meio da escuta sensível e da linguagem humanizada, como a exclusão educacional atinge, especialmente, os corpos femininos.

A reportagem foi publicada no formato de site, por meio da plataforma Wix, reconhecida por sua interface intuitiva e acessível para projetos jornalísticos independentes. A ferramenta foi escolhida para viabilizar a montagem de um material multimídia, que reunisse texto, imagem, áudio e recursos de acessibilidade em um único ambiente. O objetivo foi construir um espaço de leitura dinâmica e imersiva, mas que também dialogasse com o público retratado no material, sobretudo as próprias mulheres que participaram da produção.

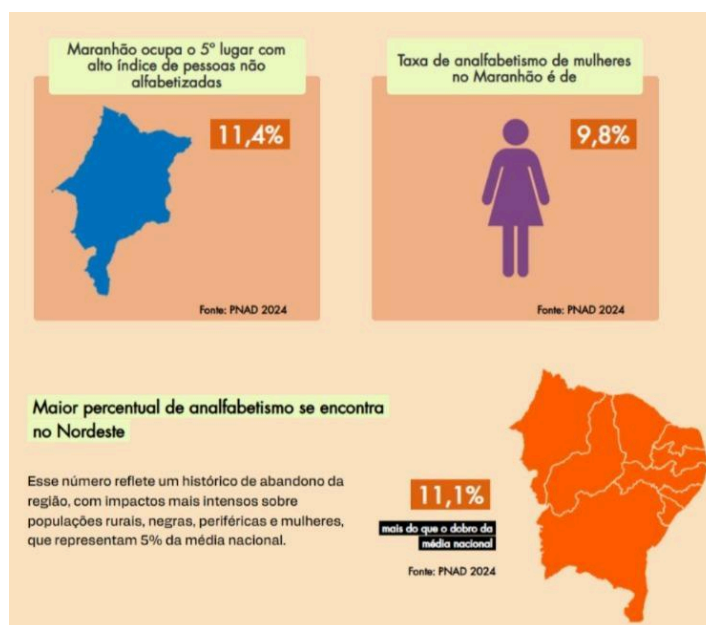
O site conta com uma página inicial que apresenta o título principal da reportagem, acompanhado por uma fotografia autoral e uma chamada sensível, que convida o público a refletir sobre o tema. Ainda na primeira página, o leitor encontra uma contextualização da problemática do analfabetismo no Brasil, com destaque para os dados do Maranhão e de Imperatriz. Esses dados foram organizados por meio de infográficos e cards informativos que explicam os principais programas nacionais de alfabetização.

Figura 1– Infografia dos índices de analfabetismo



Fonte: reprodução da página

Figura 2 - Infografia dos dados regionais do analfabetismo



Fonte: reprodução da página

A seguir, o leitor é convidado a conhecer os perfis das quatro entrevistadas. Cada perfil é apresentado com título, texto completo, fotos autorais e um trecho da entrevista em áudio, o que permite ao público ouvir diretamente as vozes das personagens. Em cada página, frases de impacto também foram destacadas para valorizar as subjetividades e os sentidos expressos nos depoimentos.

Figura 3 - Layout da chamada para os perfis



Fonte: reprodução da página

Para tornar o conteúdo mais acessível, foram incluídas versões narradas dos principais textos da reportagem, em formato de áudio. Isso amplia o alcance da produção, possibilitando que mulheres com baixa escolarização ou com deficiência visual possam acessar o conteúdo. Além disso, o site conta com uma seção de serviço público, com informações atualizadas sobre as escolas de Imperatriz que ofertam a modalidade EJA.

Figura 4 - Play da narração dos perfis



Fonte: reprodução da página

A linguagem utilizada nos textos foi pensada para ser objetiva, empática e acessível, respeitando a forma de expressão das entrevistadas. A ideia foi manter o tom humano e afetivo da entrevista, sem deixar de lado o rigor jornalístico. Ao combinar diferentes mídias, texto, som, imagem e elementos visuais, o site busca oferecer uma experiência envolvente,

que dialogue com o público acadêmico, mas também com leitoras e leitores fora da universidade.

Um dos elementos de destaque na estrutura do site é o mapa interativo com os endereços e os contatos telefônicos das 18 escolas do município de Imperatriz que ofertam a modalidade EJA. A ferramenta permite ao leitor escolher o bairro em que deseja obter as informações, facilitando o acesso de quem busca se matricular ou indicar a modalidade para alguém. Essa funcionalidade foi pensada como um recurso prático e útil, ampliando o serviço prestado pela reportagem e fortalecendo a proposta de um jornalismo comprometido com a informação e com o direito à educação. Além de informar, o mapa contribui diretamente para aproximar a população das políticas públicas existentes.

Figura 5 - Mapa interativo com os endereços das escolas municipais que ofertam a modalidade EJA



Fonte: reprodução da página

4.1 Montagem e escolha das cores

A montagem do site da reportagem especial *Leia a vida* foi realizada por meio da plataforma Wix, escolhida por sua interface intuitiva e por possibilitar a hospedagem gratuita de conteúdo multimídia. O projeto foi estruturado para oferecer ao leitor uma experiência sensível, fluida e organizada, capaz de transmitir as histórias das personagens com a profundidade e o cuidado que elas exigem. A proposta foi construir um ambiente digital que reunisse texto, imagem, som e dados, valorizando a escuta e o olhar humanizado.

Logo na página inicial do site é apresentada uma introdução geral ao tema do analfabetismo feminino, destacando a cidade de Imperatriz (MA) como ponto de partida da investigação. A contextualização conta com um infográfico interativo que reúne dados do

Brasil, Nordeste, Maranhão e Imperatriz, oferecendo ao leitor um panorama visual e acessível da situação. Também foram inseridos cards interativos com informações sobre programas nacionais de alfabetização, uma chamada para os perfis das entrevistadas, e um mapa de serviço com o nome das 18 escolas da rede municipal que ofertam a modalidade EJA. Durante a navegação, o leitor pode escolher o bairro da ferramenta de interação que é direcionado ao endereço e contato da escola. Ao final da página, o expediente apresenta os créditos da produção.

A primeira parte do site é composta também pelos perfis das quatro personagens principais da reportagem: Josélia, Lucileide, Ildecy e Neuza. Cada uma possui uma página exclusiva, com título, texto completo, galeria de fotos autorais, uma frase em destaque e a narração da entrevista em áudio, proporcionando uma experiência mais sensorial ao visitante. Os perfis foram pensados para valorizar as narrativas individuais, respeitando o tempo, a linguagem e os sentimentos de cada uma.

A montagem e organização do site busca equilibrar conteúdo informativo e sensível, permitindo que o leitor navegue entre dados, histórias e emoções de forma acessível e engajada. A diagramação foi pensada para valorizar tanto os textos quanto os elementos visuais, com disposição clara, fontes legíveis e um fluxo intuitivo entre as seções. Para finalizar a arte e as funcionalidades do site, contei com o apoio de Maria Gabriela e Leonardo Varão, que contribuíram tecnicamente com o design e os ajustes necessários na plataforma, garantindo uma experiência de navegação fluida.

A escolha das fontes tipográficas também foi pensada para reforçar a identidade visual e o propósito da reportagem. A capa utiliza a fonte Reinata, que traz um estilo marcante e sensível, ajudando a transmitir o tom emocional e poético da narrativa. Para os títulos e subtítulos, a fonte escolhida foi a Futura, por seu traço limpo, direto e moderno, que contribui para uma leitura clara e objetiva. Já nos textos corridos, a fonte Alfabert foi adotada por sua legibilidade e suavidade, estabelecendo um equilíbrio entre informação e acolhimento.

Figura 6 - Tipografia da capa



Fonte: reprodução da página

Durante a montagem do site, a escolha das cores foi pensada de forma estratégica e simbólica. Optei por tons mais vivos, como o laranja, o amarelo e o azul, que remetem à esperança, à vitalidade e à possibilidade de um futuro mais justo, mesmo diante das adversidades enfrentadas pelas fontes. O roxo foi utilizado como referência direta à luta feminista, por ser uma cor historicamente associada à resistência das mulheres e à reivindicação de direitos. Já o marrom aparece como um tom terroso, que conecta as narrativas ao chão onde essas histórias são vividas, remetendo à simplicidade, à força e às raízes. O conjunto dessas cores contribui para construir uma identidade visual acolhedora, sensível e comprometida com a temática.

4.2 Orçamento

A produção da reportagem especial *Leia a vida* foi viabilizada integralmente com recursos próprios. Desde a fase inicial, todas as etapas do projeto, pesquisa, apuração, entrevistas e edição, foram conduzidas sem financiamento externo, o que exigiu organização e planejamento financeiro pessoal. Para a composição da hospedagem e montagem no site na plataforma Wix, foi contratado o serviço de um webdesigner, Leonardo Varão.

Os principais custos envolvidos foram relacionados ao deslocamento para entrevistas, visitas à escola e encontros com as fontes. Além disso, houve gastos com alimentação e aquisição de pequenos equipamentos de apoio à gravação e captação de imagens. Mesmo com limitações orçamentárias, busquei garantir a qualidade técnica e sensibilidade narrativa em cada parte do processo.

Para a publicação do conteúdo, foi escolhida a plataforma Wix, que oferece planos gratuitos e permite a hospedagem de sites com elementos multimídia. A decisão levou em conta a praticidade da ferramenta, sua interface acessível e, sobretudo, a possibilidade de divulgar o material final de forma gratuita, mantendo a proposta de tornar a reportagem acessível ao maior número possível de pessoas, inclusive às próprias personagens que a inspiraram. Ao final de todo o processo, o valor investido para viabilizar a produção e publicação da reportagem foi de aproximadamente mil reais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da reportagem especial *Leia a vida* representou, acima de tudo, um

exercício de escuta, sensibilidade e compromisso social. O trabalho surgiu a partir de uma inquietação pessoal diante da realidade do analfabetismo no Brasil, especialmente entre mulheres em situação de vulnerabilidade. A partir desse ponto de partida, buscou-se compreender de forma aprofundada como essa exclusão educacional se manifesta em Imperatriz (MA) e de que modo ela impacta a vida de mulheres que enfrentam, diariamente, os efeitos do não saber ler nem escrever.

No decorrer do processo, diversos desafios surgiram. A indisponibilidade de dados atualizados sobre o analfabetismo no município dificultou a contextualização local da pauta, exigindo o cruzamento entre diferentes fontes e estimativas. Além disso, a mudança de cidade no início da produção impôs obstáculos logísticos, como o deslocamento para entrevistas e visitas às instituições. Também houve dificuldade na localização de fontes, especialmente entre as mulheres analfabetas, que muitas vezes sentem vergonha ou receio de falar sobre a própria condição. Outro entrave foi a escassez de produções acadêmicas regionais sobre o tema, o que exigiu esforço adicional na pesquisa bibliográfica e documental.

Ainda assim, a escolha por uma abordagem humanizada permitiu falar sobre histórias que, muitas vezes, permanecem silenciadas. As entrevistas, os relatos e os momentos de convivência com as personagens revelaram que o analfabetismo não é só a ausência da leitura da palavra, mas também da leitura do mundo, como afirma Paulo Freire. Trata-se de uma violação de direitos básicos, que impede o acesso à informação, à cidadania e à autonomia. Por isso, ao trazer à tona essas vivências, o projeto também denuncia desigualdades estruturais e evidencia a necessidade de políticas públicas mais eficazes e sensíveis às realidades locais.

O jornalismo, enquanto prática social, tem o dever ético de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. Nesta reportagem, a linguagem foi instrumento de aproximação, não de exclusão. As personagens foram tratadas como protagonistas de suas histórias, e não apenas como fontes de informação. A plataforma digital permitiu integrar diferentes recursos, texto, áudio, fotografia e infografia, para que o conteúdo fosse acessível, dinâmico e respeitoso com a complexidade do tema.

Leia a vida é, portanto um convite à reflexão sobre o papel da educação, da escuta ativa e do jornalismo responsável na luta contra a exclusão social. Que este trabalho possa inspirar novos olhares, novas perguntas e, sobretudo, novas formas de reconhecer a potência das vozes que ainda resistem, mesmo quando lhes negam o direito à palavra escrita..

REFERÊNCIAS

- BACCIN, Alciane. **A narrativa hipermídia longform no jornalismo contemporâneo**. In: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Campo Grande: UFMS, nov. 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Rio de Janeiro: Arquipélago Editorial, 2006.
- CAPUTO, Stela. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FERRARO, Alceu Ravanello. **História inacabada do analfabetismo no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- HOOKS, Bell. **Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- IJUIM, Jorge. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Revista Comunicação Midiática, v. 7, n. 2, p. 1-12, maio/ago. 2012.
- _____. **Jornal escolar e vivências humanas – um roteiro de viagem**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- LAGE, Nilson. **De reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. [S.l.: s.n.], [s.d.].
- LONGHI, Raquel Ritter. **O turning point da grande reportagem multimídia**. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897–917, 2014.
- LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. Brazilian Journalism Research, v. 10, n. 3, p. 104–121, 2015.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2002. Acesso em: 13 jul. 2025.
- MEDEIROS, Yara. **Jornalismo visual nas narrativas da grande reportagem brasileira**. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MEDINA, Cremilda. **Ato presencial, mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **Análise documental como método e como técnica**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 271–283.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.